

A POIESIS DA DEMO CRACIA

C O O R D E N A Ç Ã O D E
BRENO BATTISTIN SEBASTIANI, DELFIM LEÃO,
LUCIA SANO, MARTINHO SOARES, CHRISTIAN WERNER

CoimbraCompanions

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Os tiranicidas de Atenas:

ENTRE A REPRESENTAÇÃO ARISTOCRÁTICA E A
IDEOLOGIA DEMOCRÁTICA

THE TYRANNICIDES OF ATHENS:

BETWEEN ARISTOCRATIC REPRESENTATION AND
DEMOCRATIC IDEOLOGY

Nuno Simões Rodrigues

UNIVERSIDADE DE LISBOA

ORCID | 0000-0001-6109-4096

Resumo

Este estudo pretende salientar as variações nos relatos respeitantes ao episódio do tiranicídio de 514 a.C., em Atenas, e a possibilidade de as representações do acontecimento se relacionarem tanto com a facção aristocrática como com o partido democrático, então em confronto na *polis*. Com efeito, acabamos por concluir que as fontes sugerem ter havido um aproveitamento de um mesmo símbolo, o dos Tiranicidas, tanto por parte da facção aristocrática como pelos democratas durante o processo de transição do regime oligárquico para o democrático. E se isso aconteceu é porque ambas as facções terão reconhecido a esse símbolo potencialidades e funções político-imagéticas válidas.

Palavras-chave

Tiranicídio, Atenas, aristocracia, democracia, Aristogíton e Harmódio, Pisistrátidas

Abstract

This essay aims to emphasize the variations in the various reports about the episode of the tyrannicide of 514 b.C. in Athens, and the possibility that the representations of the event relate to both the aristocratic faction and the democratic party, in confrontation in the *polis*. In fact, we conclude that the sources suggest that there has been a use of the same symbol, the Tyrannicides, both by the Aristocratic faction and the Democrats during the process of transition from the Oligarchic to the Democratic regime. If this happened, it is because both factions have recognized valid political potentialities and functions in this symbol.

Keywords

Tyrannicide, Athens, aristocracy, democracy, Aristogiton and Harmodius, Pisistratus' sons

AS FONTES

Na celebração das Panateneias de 514 a.C.¹, dois aristocratas atenienses chamados Aristogíton e Harmódio assassinaram Hiparco, um pisistrátida, irmão do então tirano Hípias. O eco do acontecimento chegou-nos relatado por dois dos principais historiadores da Grécia Antiga.

Segundo Heródoto, Atenas ter-se-ia libertado da tirania na sequência de uma ação de dois membros de um antigo *genos* de Gefira, cidade da Beócia. Conta o historiador que Aristogíton e Harmódio, os dois Gefireus, teriam matado Hiparco, depois de ele ter tido um sonho premonitório, em que um homem de figura distinta lhe anunciava um enigma sob a forma de verso (Hdt. 5.56). Na manhã seguinte, Hiparco teria comunicado o sonho aos oniromantes e integrado depois o cortejo das Panateneias, durante o qual perdeu a vida.

Depois do assassínio de Hiparco, os Atenienses teriam suportado ainda um período de quatro anos de maior opressão e despotismo, que teria aliás contribuído para que o conceito de “tirano” ganhasse o sentido pejorativo que ainda hoje tem (Hdt. 5.55). Considera o historiador que, ao matarem Hiparco, Aristogíton e Harmódio apenas teriam exasperado os restantes Pisistrátidas, sem, no entanto, acabarem de facto com a tirania. Heródoto diz que Hípias penalizava os Atenienses pelo assassínio do irmão e que essa foi a circunstância que favoreceu a intervenção da família dos Alcmeónidas, exilada pelos Pisistrátidas, no sentido de implementar a

1 Esta investigação foi realizada no âmbito dos projectos UID/ELT/00196/2013 do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e UID/HIS/04311/2013 do Centro de História da Universidade de Lisboa, financiados pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Salvo expressa indicação em contrário, todas as datas referidas são anteriores à era cristã.

democracia (cf. Hdt. 6.123.1). Os Alcmeónidas teriam conseguido o apoio da Pítia em Delfos e, através dela, convencer os Espartanos a libertar Atenas do jugo despótico dos filhos de Pisístrato (Hdt. 5. 63. 1), o que haveria de acontecer, ainda que na sequência de uma série de confrontos militares que teriam envolvido Atenienses, Espartanos e Tessálios (Hdt. 5.63-65). Em passo posterior, Heródoto refere: “foram eles [os Alcmeónidas] os libertadores de Atenas, muito mais que Harmódio e Aristogíton, na minha perspetiva.” (Hdt. 6.123.2, trad. D. F. Leão; cf. 6.125)².

O outro registo historiográfico do homicídio de 514 é devido a Tucídides, que o terá escrito sensivelmente pela mesma época que Heródoto. Mas a versão tucidiana do acontecimento apresenta diferenças significativas.

Segundo Tucídides, aquilo que os Atenienses consideravam, porque o tinham ouvido dizer (Thuc. 6.53.3), um ato corajoso por parte de Aristogíton e Harmódio, ao assassinares Hiparco, teria na verdade sido uma atitude impulsiva tomada na sequência de um caso amoroso (*erotike xyntychia*). Afirma o historiador que se tornava urgente contar as coisas tal como elas teriam acontecido, pois corriam versões em Atenas que não corresponderiam à verdade histórica (Thuc. 6.54.1). Esta posição de Tucídides é reforçada pelo que o próprio historiador escreve logo no início do seu *opus*, afirmando que “os seres humanos aceitam o que ouvem acerca do que sucedeu antes deles, mesmo que seja na sua própria terra, sem o disputar como se se tivesse dado com outros. Os Atenienses, por exemplo, na sua maioria pensam que Hiparco era tirano e que foi morto por Harmódio e Aristogíton e não sabem que foi Hípias, o mais velho dos filhos de Pisístrato, que governava e que Hiparco e Téssalo eram seus irmãos” (Thuc. 1.20.1-2, trad. R. Rosado Fernandes e M. G. Granwehr).

² Com efeito, apesar de reconhecer o papel dos dois homens no processo de afastamento dos Pisistrátidas do poder ateniense e na conquista da liberdade, Heródoto atribui a Milcíades, por ocasião da batalha de Maratona, as seguintes palavras de encorajamento dirigidas a Calímaco de Afidna, um conterrâneo dos Tiranicidas: “está nas tuas mãos lançar Atenas na escravidão ou torná-la livre e deixar de ti, enquanto a raça humana existir, uma recordação tal que nem Harmódio nem Aristogíton deixaram.” (Hdt. 6.109.3, trad. D. F. Leão).

A descrição pormenorizada do acontecimento, porém, é feita num outro passo, no livro VI. Nessa digressão, que para alguns não o é simplesmente³, Tucídides conta que quando Pisístrato morreu, quem assumiu o poder sucedendo ao pai foi Hípias e não Hiparco⁴. Harmódio era então um belo jovem na flor da idade e Aristogíton, um cidadão ateniense (frisa o historiador) de meia-idade, era o *erastes* de Harmódio, dominando-o. Entretanto, Hiparco ter-se-ia deixado seduzir pela beleza de Harmódio, assediando o rapaz, o qual, desagradado com a investida do irmão do tirano, decidiu denunciá-lo a Aristogíton. Afirma Tucídides que este, “como qualquer amante”, sentiu-se ofendido e que, receando o poder de Hiparco que poderia tomar o rapaz à força, teria então planeado a destruição da tirania. Por seu lado, Hiparco, também melindrado pela rejeição de Harmódio, decidiu vingar-se do jovem sem, no entanto, o fazer de forma violenta e aberta. Esta é aliás ocasião para Tucídides afirmar digressivamente que os Pisistrátidas não exerciam sobre o povo “poder opressivo”, antes governando-o sem causar reações negativas (Thuc. 6.54). Tucídides chega inclusive a afirmar que “Hípias era acessível a todos” (Thuc. 6.57.2).

A vingança de Hiparco concretizou-se na humilhação pública de uma irmã de Harmódio. Com efeito, depois de a jovem ter sido convidada para ser canéfora na procissão das Panateneias, assumindo-se que era virgem, acabou por ser despedida com a justificação de não ser digna de tal honra, talvez porque a sua família não fosse ateniense autóctone ou, eventualmente, insinuando-se desta forma que ela já tivesse perdido a virgindade⁵. Seja como for, Harmódio ficou furioso com a ação tomada contra a irmã e Aristogíton teria assumido as dores do amante. Por conseguinte, os dois homens decidiram levar a cabo o plano de eliminar o Pisistrátida, com o apoio de alguns partidários seus. Os conspiradores aguardaram as Grandes Panateneias, durante as quais era normal os cidadãos aparecerem em público

3 Na realidade, alguns autores consideram, de forma pertinente, que a referência de Tucídides ao tiranicídio não é uma mera digressão mas sim um excuro pensado e intencional, com o objetivo de fornecer um contexto político à exposição principal da sua obra. Vide Vickers 1995:193-200; e também Pearson 1949: 186-189; Momigliano 1975: 677-681; Vattuone 1975: 173-184; Tsakmakis 1996: 201-213.

4 Sobre esta questão, vide Scholte 1937: 69-75.

5 Como sugere Soares 2007: 103, n.163.

armados para participarem na procissão⁶. Aquando do festival, Aristogíton e Harmódio avançaram sobre Hiparco e caíram sobre ele, como nota Tucídides, “de cabeça perdida, como homens que atuam em fúria extrema (*orge*), um por estar apaixonado, o outro por ter sido insultado” (Thuc. 6. 57. 3). Assim, os dois amantes apunhalaram e mataram Hiparco.

A reação da guarda dos tiranos não se fez esperar. Harmódio foi morto ali mesmo; Aristogíton teria sido posteriormente detido e “tratado sem piedade” (Thuc. 6.57.4). Tucídides termina o excuro sobre os Gefireus, reafirmando que foi assim, por causa de um “agravo amoroso” (*erotike lype*), que se congeminou o plano de Aristogíton e Harmódio assassinares o irmão do tirano, o que levou a que a tirania se tornasse então “mais dolorosa para os Atenienses”. Por medo, Hípias ordenou que se matassem muitos cidadãos, ao mesmo tempo que procurava um lugar para onde poderia fugir em caso de revolução (*metabole*, Thuc. 6.59). O Pisistrátida, no entanto, teria continuado a ser tirano em Atenas por mais três anos completos (Thuc. 6.59.4)⁷.

Além das narrativas de Heródoto e de Tucídides, há um terceiro texto de teor historiográfico a relatar o tiranicídio, datando já da segunda metade do século IV. Trata-se da *Constituição dos Atenienses*, tradicionalmente atribuída a Aristóteles, e nela podemos ler que, depois da morte de Pisístrato, os filhos do tirano mantiveram o poder. Hípias, por ser mais velho e politicamente sensato, estaria à frente do governo, enquanto Hiparco, “dado a divertimentos, ao amor e às Musas”, se entregaria sobretudo ao ócio (*Ath.*18.1). Mas o autor do opúsculo introduz uma novidade relativamente aos relatos dos historiadores anteriores. Com efeito, conta que teria sido Téssalo, o irmão mais novo dos Pisistrátidas e que levava “uma existência arrogante e insolente”, a apaixonar-se por Harmódio, que o teria rejeitado. Em consequência, Téssalo aproveitava todas as ocasiões para insultar Harmódio e, quando a irmã deste estava para participar nas Panateneias como canéfora, o Pisistrátida não o permitiu e além disso ainda insultou

⁶ Tucídides faz questão de referir no entanto que o costume era levar na procissão apenas escudo e lança e não punhais, pelo que depois do assassinio de Hiparco ordenou aos soldados atenienses que prendessem quem fosse apanhado com punhal (Thuc. 6.58.2).

⁷ Vide ainda Meyer 2008: 13-34.

Harmódio, chamando-lhe efeminado (*malakos*). Em consequência disso, os Gefireus, sobre quem a *Constituição dos Atenienses* não tece quaisquer comentários acerca de uma eventual relação amorosa entre si, decidiram reagir e conspirar com outros para a eliminação dos Pisistrátidas. Assim, por ocasião da festa em honra de Atena, mataram Hiparco enquanto este organizava a procissão da deusa. Harmódio foi imediatamente morto pelos doríferos enquanto Aristogíton foi capturado e primeiro torturado e só depois executado. Conta ainda a mesma fonte que, segundo os democratas, durante a tortura, Aristogíton denunciou um grande número de indivíduos, entre eles, alguns que pertenciam ao círculo de amigos do tirano, com o objetivo, segundo o autor, de os tornar sacrílegos, mais fracos e potenciais vítimas do estadista⁸. Só na sequência de uma provocação intensa, Aristogíton teria conseguido que Hípias o matasse com a própria espada (*Ath.* 18).

O autor identificado com Aristóteles refere ainda que, depois destes acontecimentos, a tirania de Hípias se tornou mais dura em Atenas, condenando muitos à morte ou ao exílio, apenas para vingar o assassinio do irmão (*Ath.* 19. 1). A tirania, porém, só teria terminado em Atenas por ação dos Alcmeónidas aliados aos Espartanos, quatro anos depois do homicídio de Hiparco (511/510), num quadro de tensão política assinalável (*Ath.* 19).

Tal como o alegado Aristóteles, um outro filósofo, conhecido como o pseudo-Platão, se interessou pelo tema, ao trazê-lo à discussão no diálogo *Hiparco*, texto ambientado no espírito da Atenas socrática e integrado no *corpus* platônico, mas de autoria e datação desconhecidas. Tendo como tema precisamente a tirania, este diálogo passou a ser identificado pelo nome do tirano nele referido, o qual coincide com um dos protagonistas do acontecimento em análise. No texto, discute-se o lucro ou o ganho e como o tirano pode ser um paradigma do *philokertes*, i.e., o “amante do lucro”. No âmbito da conversa, Hiparco é referido como o mais velho dos filhos de Pisístrato (228b) e paradigma do tirano. Depois de um aparente

⁸ Plutarco (*Garr.* 8) refere Leaina, uma cortesã do círculo dos Gefireus, que teria sido presa e torturada na sequência da conspiração do tiranicídio. Também Ateneu (13.596) conta que uma favorita de Harmódio teria morrido na sequência da tortura a que foi sujeita por ordem de Hípias. Por certo, trata-se de referências convergentes.

elogio do Pisistrátida, em que Hiparco é chamado de “uma pessoa boa e sábia” (Pl. *Hip.* 228b), o autor do diálogo faz uma síntese dos acontecimentos de 514.⁹

Nesta versão, o tema do triângulo amoroso volta a estar na ribalta. Mas desta vez ele é protagonizado não por Hiparco e os dois Gefireus, mas por estes e uma terceira pesonagem anónima. O autor do diálogo faz questão de dizer que a morte de Hiparco se deveu não à causa “suposta pela maioria”, a desonra da irmã do homicida, “pois é um motivo tonto” (*epei touto ge uethes, Hip.* 229c), mas porque Harmódio era o “menino” (*paidikos*) de Aristogítton, que por ele tinha sido educado, e porque o mesmo Harmódio se teria enamorado de um terceiro homem, um jovem “belo e bem-nascido” (*kalos kai gennaios*), cujo nome seria bem conhecido, mas do qual o autor do diálogo confessa não se recordar. Durante algum tempo, esse jovem teria manifestado a sua admiração pelos Gefireus, mas depois acabaria por se associar a Hiparco, desprezando Aristogítton e Harmódio. Essa atitude teria motivado o ressentimento dos dois amantes que, por vingança, viriam a matar Hiparco (229c-d).

As variantes da narrativa que podemos ler nestes testemunhos são consideráveis e, dado o estado atual dos nossos conhecimentos, dificilmente poderemos aferir qual das versões estará factualmente correta¹⁰. Sabemos sim que cada variante deverá corresponder aos interesses de determinado grupo político-ideológico na *polis*, reforçando assim a sua noção de identidade e laços comunitários¹¹. Mas o que nos interessa salientar é que estes textos permitem-nos perceber que o tiranicídio foi narrado em Atenas de várias formas, evidenciando diversas fontes, tradições e naturalmente interesses, decerto coincidentes com agendas políticas distintas, na sua génese.

O conjunto de documentação disponível confirma que, na sequência destes acontecimentos, várias foram as reações ao que ficou conhecido na

9 Uma discussão do sentido do diálogo pode ser lida em Colen 2017: 53-79.

10 Refira-se que, a par das versões que associavam o fim da tirania e a instituição da democracia a Aristogítton e Harmódio, havia também as que simplesmente ignoravam a participação dos Gefireus no processo, e.g. Isócrates 16.25-27; Andócides 1.106, que deverão corresponder a tradições familiares paralelas.

11 Shear 2012: 43.

História da Grécia Antiga como o tiranicídio de 514. O episódio veio assim a ser referido e representado em estatuária, pintura sobre cerâmica, canções de mesa, hinos, poesia, oratória forense e política, tratados filosóficos e decretos legislativos, além das narrativas historiográficas mencionadas¹².

EXALTAÇÃO E CULTO DOS TIRANICIDAS

Parte assinalável do que podemos considerar a promoção dos tiranicidas manifestou-se numa série de práticas e normas que contribuíram para a sublimação da imagem dos heróis na Atenas democrática. Vestígios remetem para a existência de atividade legislativa na *polis* relacionada com os dois gefireus, o seu culto e os privilégios a ele associados. Sabemos, por exemplo, que os descendentes de Aristogíton e Harmódio usufruíam, pelo menos desde a década de 40 do século V, do direito de *sitesis*, i.e. tinham licença pública para tomar as refeições no pritaneu, a expensas do Estado, portanto. De igual modo, os herdeiros dos tiranicidas estavam autorizados a participar nas libações em todos os templos, pois eram considerados descendência dos “maiores de todos os benfeitores de Atenas” (cf. Demóstenes 19.280)¹³. Outros registos deixam entender que esses descendentes actuavam mesmo como *euergeteis* da cidade (cf. Plutarco, *Arist.* 27.4). Já no século IV, um discurso de Iseu deixa perceber que, além do direito de *sitesis* (que o orador também refere, Is. 5. 46-47), os familiares dos tiranicidas usufruíam do direito de *proedria*, i.e., do direito de se sentarem nos primeiros lugares das filas da cávea, no teatro e que era outorgado apenas a cidadãos ou a estrangeiros de distinção (cf. Heródoto 1.54; 9.73; Aristófanos, *Eq.* 573-576; *Thesm.* 834), e dos direitos de isenção de impostos (*ateleia*) e de financiamento de despesas estatais (*leitourgiai*)¹⁴.

É também significativo que parte desta informação diga respeito à reação popular, que se pode aferir pelo facto de, desde o século V, se terem tornado

12 Para um conspecto das fontes, vide Fornara 1968: 400-424; Fornara 1970: 155-180; Limentani 1976: 9-27; Monoson 2000: 42.

13 Taylor 1991: 1 e bibliografia aí citada.

14 Taylor 1991: 4-5.

muito conhecidos os chamados *skolia* ou canções de mesa que exaltavam o alegado feito de Aristogíton e Harmódio. É Ateneu de Náucratis, autor já do século II da nossa era, que no *Banquete dos Sofistas* recolhe quatro dessas canções, cujo objetivo seria animar ocasiões festivas diversas, mas que deverão traduzir um sentimento coletivo com eco em pelo menos algumas fações da sociedade ateniense. De outro modo, a sua existência não faria sentido. Eis o que Ateneu regista:

De ramo de mirto na mão, levarei a minha espada,
como Harmódio e Aristogíton,
quando mataram o tirano
e tornaram isónoma Atenas.

Querido Harmódio, tu não estás morto,
mas vives, dizem, nas Ilhas dos Bem-aventurados,
– no lugar onde habita Aquiles de pés velozes
e, na tradição, o filho de Tideu, o nobre Diomedes.

De ramo de mirto na mão, levarei a minha espada,
como Harmódio e Aristogíton,
quando nas festas de Atenas
o tirano Hiparco mataram.

Sempre a sua fama permanecerá sobre a terra,
os queridos Harmódio e Aristogíton,
por terem dado ao tirano a morte
e tornado isónoma Atenas. (Ath. 893-896P, trad. J. R. Ferreira)¹⁵

Aparentemente, estas canções de mesa inseriam-se na terceira categoria da tipologia apresentada por Dicearco, em comentário ao *Górgias* de Platão (*Schol. Plat. Gorg.* 451e), e definida por M. H. da Rocha Pereira como “cantos

¹⁵ Sobre os escólios em torno dos tiranicidas, vide Ehrenberg 1956: 57-69; Bowra 1961: 391-396; Taylor 1991: 22-23.

à desgarrada, em que todos tomavam parte, passando um ramo de mirto em zigue-zague (de um para o outro lado das mesas)” (ritual de que muito provavelmente derivará o nome *skolion* ou “torto”), acompanhados de flauta e proferidos em simpósios¹⁶. A popularidade destas canções mais ou menos improvisadas¹⁷ em honra de Aristogíton e Harmódio confirma-se pelo facto de se ter criado um subgénero de *skolia* conhecido como *Harmodiou meloi* ou “cantigas de Harmódio”,¹⁸ e de Aristófanes as parodiar (*Vesp.* 1216-1230; *Acarn.* 981, 1093 entre outros¹⁹). Como nota D. F. Leão, este último seria de facto um “sinal inequívoco de popularidade”²⁰.

Os *skolia*, que terão sido cantados em Atenas em pleno período democrático²¹ e que chegaram ao tempo de Ateneu de Náucratis, são assim evidência de uma popularidade criada em torno dos tiranicidas que refletiria a memória coletiva dos Atenienses, ao mesmo tempo que traduziria uma perspetiva do acontecimento que viria a ser considerado por alguns como o que teria espoletado o fim da tirania em Atenas e o início do processo democrático. De modo pertinente, há quem saliente que as referências explícitas ao conceito de isonomia, “igualdade perante a lei”, “igualdade de direitos” ou “igualdade política”²² (expressão que preferimos), mostram também que na base destes cânticos estariam mensagens e interesses políticos que não deverão ter sido estranhos à divulgação destes poemas de teor aparentemente popular.

No período democrático, foi visível uma outra faceta da exaltação dos tiranicidas: a veneração de cariz religioso. Com efeito, a sublimação dos tiranicidas insere-se na prática do culto dos heróis na Grécia Antiga, de que o famoso monumento aos epónimos na ágora de Atenas parece ter sido

16 Rocha Pereira 2012: 237, n. 129.

17 Bowra 1961: 391-396; vide ainda Valk 1974: 1-20; O’Sullivan 2011: 1-9; Pownall 2013: 339-354.

18 Taylor 1991: 31. Um texto tardio, de Filóstrato, sugere que, além dos *skolia*, seriam cantados também aos tiranicidas, em Atenas, durante as Panateneias, hinos com função religiosa, cf. Filóstrato, *Vit. Apol. Tiana* 7.4.3.

19 Ver Taylor 1991: 85-95.

20 Leão 2003: 49 n. 63.

21 Taylor 1991: 24, 31; Shear 2012: 36.

22 Fórmula usada por Ferreira & Leão 2010: 121; cf. Shear 2012: 36; Vlastos 1953: 337-366.

exemplo paradigmático²³. Durante a democracia, o culto dos tiranicidas assentou sobretudo na ideia de que Aristogíton e Harmódio teriam sido os fundadores do regime então em vigor (cf. Andócides 1.96-98).

Assim, ainda que ocorrido num passado recente, o acontecimento tornou-se o centro de um culto público, políade e pátrio, de caráter “nacional” *avant-la-lettre*, que se terá manifestado de diversas formas. A estátua da autoria de Antenor, primeiro, e as de Crítio e Nesiotes, depois, deverão ter sustentado de forma eficaz rituais públicos de natureza religiosa, mas de funcionalidade essencialmente política. Como nota M. W. Taylor, a rapidez com que a escultura de Antenor foi substituída pelas de Crítio e Nesiotes depois do saque persa só pode significar que as estátuas se tinham tornado elementos centrais na manutenção de uma memória histórica recente fundamental para a vivência política do presente²⁴.

Na *Constituição dos Atenienses*, lemos que uma das tarefas de que o arconte polemarco estava encarregado em Atenas era a de proceder às oferendas (*enagismata*) anuais em honra de Harmódio e Aristogíton (*Ath.* 58.1), eventualmente junto a um suposto túmulo dos dois homens no Cerâmico, referido por Pausânias (1.29.15), muito por certo ali estabelecido em período posterior a 507²⁵. Um *enagisma* era um tipo de oferenda ou sacrifício feito em honra de uma divindade ctónica ou de um herói²⁶, o que significa que, para a mentalidade ateniense, os dois tiranicidas terão entrado para o universo heróico-divino.

Apesar de, relativamente ao culto, a referência textual mais antiga que possuímos até ao momento ser o tratado aristotélico, é possível que a prática remonte aos finais do século VI, o que significa que deverá ter-se iniciado pouquíssimo tempo depois do ato em si mesmo (talvez menos de uma década). É mesmo provável que tenha começado pouco depois da morte de Hiparco, em particular aquando da reorganização político-administrativa

23 Sobre este monumento, cf. [Aristóteles], *Ath.* 21.6; 48.4; Paus. 1.5; Podlecki 1966: 129-141; Shear Jr. 1970: 145-222; Shear 2012: 107-119. Em parte, a *stoa poikile* desempenhava a mesma função. Vide e.g. Stansbury-O'Donnell 2005: 73-102.

24 Taylor 1991: 19.

25 Taylor 1991: 7.

26 Taylor 1991: 5-6; Shear 2012: 31.

da *polis*, no tempo de Clístenes, entre 510 e 507, a qual abriu caminho ao regime democrático que vigorou durante a maior parte do século V. Efetivamente, uma reforma como a clisteniana deverá ter feito bom uso da imagem de heróis entendidos como fundadores de um novo regime²⁷.

Em contrapartida, o ritual e a imagem heróica dos tiranicidas dever-se-á ter mantido no tempo de forma considerável, pois, no século I, Cícero ainda se refere a Aristogíton e Harmódio como exemplos de homens que morreram pela pátria frequentemente citados pelos oradores (*Tus.* 1. 49. 116). Já para não aprofundarmos os testemunhos de Pausânias relativamente à presença das esculturas de homenagem aos Gefireus ainda na Atenas no seu tempo ou o facto de, também no século II da nossa era e já na Antiguidade Tardia, haver referências a leis, que remontavam ao período clássico, que proibiam que os nomes de Aristogíton e Harmódio fossem dados a escravos, pela pouca dignificação que isso representaria para as referências que lhes subjaziam (Aulo Gélio, *Noc. Att.* 9.2.10; Libânio, *Apol. Soc.* 5.53).

Mas nada garante que na origem desta sublimação esteja a ideologia democrática e não outra, designadamente a aristocrática. Com efeito, há vestígios nas várias manifestações de exaltação e veneração dos assassinos de Hiparco, todavia perceptíveis no período democrático, por terem sido adotados e instrumentalmente adaptados pela facção político-ideológica então dominante, que apontam para uma eventual génese aristocrática da tiranicidolatria²⁸. Há que não olvidar que, na transição da tirania para a democracia, a cidade de Atenas viveu uma tensão interna derivada do confronto latente entre as *factiones* aristocrática e democrática, acabando esta por vir a impor-se até ao final do século V²⁹.

Assim, relativamente aos *skolia*, M. W. Taylor afirma que o importante a destacar é que as “canções eram cantadas por homens agradados com o facto de Harmódio e Aristogíton terem matado o tirano e que teria resultado no estado ateniense pós-tirania”³⁰. Parece-nos, no entanto, que neste ponto

27 Taylor 1991: 6; Shear 2012: 29, 33.

28 Paiaro 2016a: 139-150; Paiaro 2016b: 53-93.

29 Ferreira & Leão 2010: 120; cf. Forrest 1988: 165-167. Sobre a discussão em torno dos regimes políticos, ver Soares 2014a: 25-39; Soares 2014b: 57-79.

30 Taylor 1991: 26.

assenta uma das questões-chave para compreendermos a gênese do culto dos tiranicidas, parte significativa da prática cívica da Atenas democrática e, por conseguinte, da *poiesis* da própria democracia.

Por um lado, o uso do conceito de “isonomia” nos escólios transmitidos por Ateneu de Náucratis levou os investigadores a considerarem a possibilidade de ter sido tanto o partido oligárquico como o partido democrático a compor e a difundir estas canções populares. Estas conclusões díspares assentarão no facto de o termo *isonomia* ser por vezes usado em contexto oligárquico e outras em âmbito democrático. Uma análise filológica mais profunda, contudo, parece favorecer o seu uso pelos democratas³¹.

Por outro lado, há que salientar que Aristogíton e Harmódio são naqueles textos populares comparados aos grandes heróis da tradição épica grega, como Aquiles e Diomedes. Ora esse facto não pode nem deve ser ignorado, pois significa que os dois tiranicidas eram colocados ao nível da mitologização e da divinização, claro, porém de sabor e índole essencialmente aristocrática, na linha de poetas como Teógnis ou Píndaro³². Além disso, há que não desprezar o facto de tudo isso se passar no ambiente de *symposion*, uma estrutura sócio-cultural aristocrática por definição³³.

As fontes indicam ainda que essa não foi a única etapa no aproveitamento poético da memória do acontecimento de 514 em Atenas. A heroicização dos tiranicidas revê-se também no epigrama atribuído a Simónides e que reza: “Aos Atenienses chegou, por certo, uma luz imensa, quando Aristogíton e Harmódio mataram Hiparco.” (Simon. frg. 76D, trad. L. N. Ferreira). É possível que as palavras atribuídas ao poeta de Maratona, Termópilas e Salamina e reconhecidas no plinto de uma estátua encontrado na ágora de Atenas fossem a legenda do grupo escultórico erguido na cidade para homenagear e, mais do que isso, venerar os dois tiranicidas³⁴. Ainda que nestes versos haja um inegável travo a coletivo que sugere a ideologia democrática, a exaltação dos dois gefireus não deixa de ser centrada nas

31 Taylor 1991: 24-27.

32 Sobre esta questão, vide e.g. Nicholson 2005; Onelley 2009.

33 Sobre esta questão, vide e.g. Murray 1990.

34 Sobre os condicionalismos e probabilidades da autoria de Simónides para estes versos, ver Ferreira 2013: 138-140.

figuras aristocráticas de Aristogíton e Harmódio, o que lhe confere uma certa ambivalência.

O poema de Simónides reconduz-nos à já referida problemática das esculturas. As estátuas que conhecemos hoje e desde 1859, através de uma réplica romana conservada no Museu Arqueológico de Nápoles, foram concebidas por Crítio e Nesiotes, no arcontado de Adimanto (477/476). Este grupo, porém, substituiu um anterior, da autoria do escultor Antenor, que o teria concebido pouco tempo depois da expulsão de Hípias, entre 509 e 487 (cf. Plin. *HN* 34.16-17), mas que terá sido levado para Susa, por Xerxes, em 480/479, segundo o testemunho de Pausânias (1.8.5; cf. 8.46.3)³⁵. É possível que este saque de Xerxes não tenha sido obra do acaso ou de mera cobiça de bens valiosos de Atenas, mas sim um ato simbólico de subtrair aos Atenienses o objeto do seu culto à liberdade representado pelos tiranicidas. Há que não esquecer que Hípias, depois de ter deixado Atenas em 510, se terá associado aos Persas e mantido ao lado deles em Maratona (Heródoto 6. 102)³⁶. A estátua foi posteriormente devolvida aos Atenienses por Alexandre Magno (Arriano, *Anab.* 3.16.7-8; 7.19.2), segundo umas fontes, ou por Antíoco I (Pausânias 1.8.5) ou por Seleuco (Valério Máximo 2.10, ext. 1), segundo outras.

Os testemunhos antigos referem que, por muito tempo, estas estátuas em homenagem dos dois gefireus terão sido as únicas esculturas a representarem seres humanos com direito a culto público em Atenas (até Cónon, no século IV; Demóstenes 20.69-70³⁷; mesmo o monumento dos heróis epónimos não deverá ser anterior a meados do século IV³⁸). E não deixa de ser sintomático que, no final do século I, depois do assassinio de Júlio César, quando Bruto e Cássio visitaram Atenas, tenha havido ordens para que as estátuas dos dois defensores da República ficassem posicionadas junto das de Aristogíton e Harmódio, como se houvesse uma identificação entre os atos de uns e as ações de outros (Díon Cássio 47.20.4). Evidentemente,

35 Sobre este grupo escultórico, ver Brunnsåker 1971; Taylor 1991: 15-16; Azoulay 2014.

36 Taylor 1991: 18.

37 Shear 2012: 38.

38 Shear Jr. 1970: 190-196.

o contexto político do assassinio de Júlio César remetia para o episódio ateniense de 514.

A versão de Crítio e Nesiotes mostra os dois homens lado a lado, numa pose bélica, ao mesmo tempo que encomiástica de uma atitude heróica. Aristogítton, o mais velho, é representado nu³⁹ e barbado, de acordo com o código estético dos Gregos antigos, cabelo curto e franja direita sobre a testa, a perna esquerda avançada em relação à direita, como que repetindo a pose do conhecido Bronze de Artemísio – figura que muito provavelmente representa Zeus ou Posídon, divindades de poder, portanto, em posição aguerrida com evidentes reminiscências mediterrâneas antigas –, e o braço esquerdo erguido na horizontal, com a clâmide sobre ele. A mão direita, atrás, segura a espada, enquanto a bainha da arma se mantém na mão esquerda. Harmódio, o mais jovem, igualmente nu, mas imberbe, mantém-se ao lado de Aristogítton, erguendo com a mão direita a espada sobre a sua cabeça, prestes a desferir um golpe mortal.

A composição terá servido os interesses da democracia, visto que os dois homens representam os salvadores da *polis*. Mas a hermenêutica tem vislumbrado nestas esculturas aspetos que podem ser entendidos como expressões da ideologia oligárquica e outros como manifestações do espírito democrático, sustentando-se assim a possibilidade de na génese destas estátuas estar tanto uma fação como a outra. As duas ideologias assumem-se como anti-tirânicas, mas os objetivos de ambas diferem de forma considerável. Assim, se por um lado vemos nesta pose escultórica representações da juventude impetuosa e ofensiva e da maturidade cautelosa e defensiva aliadas numa mesma empresa e com um mesmo objetivo, como se fossem a totalidade da *polis*, também é possível lermos uma coreografia baseada no espírito pederástico. Nesta linha, distinguem-se a fórmula do homem maduro/homem jovem, código recorrente na representação da pederastia na Grécia Antiga, bem como a *kalia* do jovem *eromenos* e a *andreia* do *erastes* maduro, cuja formulação remontava à ideologia aristocrática⁴⁰. Como nota B. Fehr, através desta composição,

39 Sobre a nudez como código heróico na arte grega, vide Rodrigues 2011: 201-216.

40 Fehr 1989: 14-38; Azoulay 2014: 17.

terá sido possível “tocar diferentes camadas de população, suscetíveis de reações diferentes de acordo com as suas experiências específicas, as suas aspirações e o seu sentido de valores.”⁴¹

As representações escultóricas dos tiranicidas foram acompanhadas de simbolismos artísticos que terão tido particular eco nas artes decorativas produzidas na época, nomeadamente na cerâmica de origem ática e nas figurações que nela encontramos de Teseu. Este teve então particular destaque como herói ateniense, assumindo poses e iconografias particularmente ofensivas e agressivas, mas sobretudo associadas às dos tiranicidas, por sua vez assimilados a Apolo, na figura de Harmódio⁴².

OUTRAS PROBLEMÁTICAS NO ÂMBITO DO TIRANICÍDIO

Questões emergentes das fontes

Além dos *skolia* e das artes plásticas, uma leitura comparada das quatro principais fontes escritas permite-nos uma problematização suplementar do que aparentemente se afirmava no quotidiano ateniense dos séculos V-IV acerca deste acontecimento. Como assinalámos, numa primeira análise, estes documentos deixam-nos perceber que não havia uma narrativa monolítica e exclusiva sobre o acontecimento. Um estudo mais aprofundado mostra-nos que as variantes deverão estar relacionadas com o facto de não ter existido um aproveitamento único do mesmo.

Desde logo, questiona-se a relação entre o fim da tirania e o suposto tiranicídio. De facto, as fontes levam-nos a concluir que, no século V, em Atenas, afirmava-se e considerava-se que a tirania não tinha terminado em 514, mas sim depois da fuga de Hípias e restantes Pisistrátidas de Atenas, em 510 (Heródoto 5.55; Tucídides 6.59; [Aristóteles], *Atb.* 19.1-2). Esse facto, porém, levou a que se entendesse o tiranicídio como um fator próximo e catalisador dos acontecimentos deste ano.

41 Fehr 1989: 30. Cf. Lear & Cantarella 2008; Paiaro 2016a: 139-150.

42 Lang 1955: 397; Taylor 1991: 36-63; Bicknell 1970: 159-160. Vide ainda Fehr 1989: 18; Azoulay 2014: 19-21.

Depois, as próprias designações “tiranocídio” (*tyrannoktonia*) e “tiranocidas” (*tyrannoktonoi*). Na verdade, estes são conceitos mais usados pela historiografia moderna do que pelas fontes antigas. Ainda assim, este último é um termo utilizado no século II da nossa era por Luciano, num texto conhecido precisamente como *O tiranicida*. Este documento tardio, ao narrar a história de um homem que sobe a uma acrópole para matar um tirano, mas que não o encontra, assassinando na sua vez o filho dele, deixando-lhe a espada no corpo, parece aliás parodiar a versão que Tucídides dá dos acontecimentos de 514 (cf. Thuc. 6. 57). Efetivamente, o texto de Luciano refere ainda que quando o tirano chegou e viu o filho morto, suicidou-se com a espada utilizada para matar o descendente, levando o assassino a reclamar-se como tiranicida por arrasto⁴³. A confirmar-se esta hipótese, estamos uma vez mais perante uma prova da popularidade do tema e da sua longevidade.

Em defesa desta ideia, referimos ainda o passo em que Luciano alude aos acontecimentos de 514, interrogando-se: “Pois quê! Então não aconteceu já uma vez que uma pessoa, que somente obrigou um tirano a exilar-se, recebeu, mesmo assim, as honras de tiranicida?” (*Tyrann.* 13, trad. C. Magueijo). Tudo aponta para que na base desta composição esteja uma caricatura exemplar do acontecimento e respetivas repercussões sócio-políticas em Atenas, que só se poderia esperar do génio crítico e mordaz de Luciano.

Por outro lado, se o tirano era Hípias e não Hiparco, como notam Heródoto, ao referir-se-lhe como apenas “irmão do tirano” (5.55.1), e Tucídides, que afirma explicitamente que não foi Hiparco que sucedeu ao pai no poder e sim o irmão mais velho (6.54.2), e se foi aquele a vítima dos Gefireus, porque ficaram estes conhecidos como “tiranocidas”? Esta não é uma questão de resposta fácil. Além disso, há que notar que, apesar das notas de Heródoto e Tucídides, [Aristóteles] afirma que “os senhores do poder eram Hiparco e Hípias” (*Atb.* 18.1) e o pseudo-Platão refere que o irmão mais velho era aquele e não este (*Hip.* 228b). No entanto, convém ressaltar que talvez o autor do tratado aristotélico seja influenciado por

43 Magueijo 2012: 125. Sobre o uso do tema por Luciano, ver *Par.* 48.

aquela que deveria ser a designação popular e corrente dos homicidas de 514 no seu tempo e que o pseudo-Platão simplesmente traduza uma memória popular germinada na narrativa de um Hiparco chacinado como um tirano.

Com efeito, parece-nos que a sugestão feita por Tucídides, em que se pode sustentar a ideia de que Aristogíton e Harmódio teriam ficado conhecidos como tiranicidas não por terem matado um tirano *de facto*, mas sim porque Hiparco teria morrido *como* um tirano, não o sendo, faz-nos ainda hoje todo o sentido: “Aconteceu, porém, que Hiparco, que se tornou conhecido pelo seu trágico destino, ganhou depois fama de ter sido tirano” (Tucídides 6.55.4)⁴⁴. Também aqui se justifica a paródia de Luciano.

Por fim, as motivações do ato. Se Heródoto se centra essencialmente nas questões políticas, Tucídides, sem as retirar do seu horizonte (aliás, constituem o foco central da sua digressão), deixa espaço para o elemento privado e passional que tem como função promover o demérito do episódio⁴⁵. Mesmo levando em conta as pertinentes observações de D. Paiaro acerca da dialética – ou ausência dela – entre o público e o privado na Antiguidade⁴⁶, consideramos incontornável a leitura segundo a qual ao transformar um ato tão grave como o assassinio de um estadista ou de uma figura de relevo público, como seria Hiparco, numa história de contornos romanescos que teria acabado por determinar a vida da *polis*, o historiador do conflito do Peloponeso transmite à sua audiência a ideia de que o que constava popularmente era que um episódio privado, que para todos os efeitos deveria ser irrelevante, acabou por condicionar a vida dos cidadãos (diga-se em abono da verdade que esperaríamos até isso mais de Heródoto do que de Tucídides; por outro lado, há que salientar que Plutarco fá-lo-á continuamente nas *Vitae*). Não o considerando como tal na sequência das suas investigações e interesses, porém, seria por isso imprescindível a Tucídides frisar que não se deveriam a esse *fait divers* as alterações essenciais por que a cidade veio a passar. Na leitura deste historiador, aliás como na de Heródoto, havia que repor a verdade histórica⁴⁷, afirmando-se, por

44 Lang 1955: 397.

45 Sobre o contexto do episódio, vide Vickers 1995: 193-200; Cartelet 2016.

46 Paiaro 2016a: 139-150; vide ainda Rodrigues 2013: 79-91.

47 Vide e.g. Taylor 1991: 77-78.

consequente, a ilegitimidade do culto prestado a Aristogítton e Harmódio e incentivando-se, por isso, uma desmitologização das figuras⁴⁸.

É verdade que o opúsculo aristotélico e o pseudo-Platão também incluem o elemento romanesco no episódio; mas é igualmente relevante que o autor da *Constituição* e o do diálogo platónico alterem a identidade das personagens nele envolvidas, fazendo de Téssalo, um outro Pisistrátida, politicamente menos importante, ou de um jovem anónimo os agentes espoletadores do caso amoroso, o que faz toda a diferença no cômputo final do relato. Note-se, aliás, que essa alteração transforma Hiparco numa vítima inocente, o que naturalmente muda a imagem que se constrói dos homicidas.

Estas reflexões pretendem mostrar a complexidade do tema em análise e esta última problemática conduz-nos a um derradeiro tópico para discussão: quem promoveu a lenda heróica dos tiranicidas e por que razão o fez?

As fações políticas em jogo

Como vimos, a exaltação e a glorificação dos exterminadores do tirano verificou-se em pleno período democrático. A necessidade de encontrar símbolos para a ideia de conquista da liberdade teria levado a fação então politicamente predominante a uma manipulação da facticidade histórica e a um aproveitamento inquinado da realidade, mas aparentemente eficaz. Esta perspetiva, porém, pode não se sustentar isolada.

Com efeito, nas fontes historiográficas antigas lemos referências que salientam o papel dos Alcmeónidas na mudança de regime em Atenas. Nesses passos, parece predominar a ideia de que o fim da tirania não se deveria aos tiranicidas, mas sim a outros fatores, designadamente à importância daquela família e ao papel dos Espartanos, conhecidos pelo seu regime aristocrático-oligárquico, em todo o processo (cf. Heródoto 6.123; Tucídides 6.59.4; [Aristóteles], 19.3-4; 20.1). Assim, dever-se-á ter em conta a possibilidade de, antes da afirmação da democracia, ter havido um peso significativo da fação aristocrática que, não obstante, não teria sido bem-sucedida em manter-se no poder num regime exclusivamente oligárquico.

48 Taylor 1991: 82; Figueira (no prelo).

Além disso, ao considerarmos a possibilidade de terem sido os oligarcas os promotores da heroicização de Aristogíton e Harmódio e do respetivo culto e suas representações na cidade, há que valorizar a origem aristocrática dos protagonistas do episódio bem como as referências dos historiadores antigos (o autor da *Constituição dos Atenienses* e o pseudo-Platão incluídos) à ideia de que a tirania não era, antes da morte de Hiparco, algo assim tão negativo (Tucídides 6.54; 6.57.2; Platão, *Hip.* 228b-229e), ainda que esta conceção se possa justificar com as circunstâncias e agenda ideológica de cada autor.

A estes argumentos, podemos acrescentar que, apesar de Tucídides recorrer a um alegado triângulo amoroso formado por Aristogíton-Harmódio-Hiparco, com a aparente intenção de menosprezar a imagem dos tiranicidas, o facto é que a tradição grega acabou por citar essa mesma relação amorosa, sobretudo a que alegadamente existiria entre Aristogíton e Harmódio, como um aspeto positivo e não negativo. Na verdade, à exceção de Heródoto, todas as narrativas de teor historiográfico apontam o enredo romanesco-pederástico como a espoleta que teria desencadeado os acontecimentos. Independentemente da facticidade, para a nossa análise interessa destacar a verosimilhança e, sobretudo, a sua relação com a cultura aristocrática.

Este fator encaixa, portanto, na tradição do modelo *erastes/eromenos*, que hoje é de modo reconhecido associado por alguns à ideologia aristocrática/oligárquica ateniense (sobretudo) como prática de promoção e reprodução de fórmula social, e que encontra em autores ideologicamente críticos dessa fação, como Aristófanes, oposição e críticas negativas profundas⁴⁹. A este propósito, devemos referir que o recente estudo de B. Bednarek nos parece ineficaz na tentativa de neutralizar essa leitura, convincentemente apresentada por T. K. Hubbard (Bednarek parece confundir ideologia de grupo com classe social)⁵⁰. Com efeito, consideramos que a leitura de Hubbard assenta na ideologia, que se associa à fação política, através da qual se definem também elites, e não numa eventual “classe

49 Sobre esta questão, vide Rodrigues 2015: 129-166; Bednarek 2017: 47-62.

50 Hubbard 1998: 48-78; Hubbard 2000: 1-11; Bednarek 2017: 47-62. Mais recentemente, Figueira (no prelo).

social” ou sequer grupo. Aliás, quanto a nós, o problema central da proposta de Bednarek parte precisamente de uma conceção historiográfica epistemologicamente errada e que considera a existência de uma consciência de “classe social” definida pelo rendimento económico no mundo antigo ou pela posse dos meios de produção e conseqüente lugar nos modos de produção (para usar a terminologia da filosofia marxista), o que invalida a tese do autor. Isso não anula alguns dos argumentos apresentados por Bednarek, como a ideia de que a facção democrática hostilizava um *modus uiuendi* associado à aristocracia (e note-se como o autor da *Constituição dos Atenenses* refere que Hiparco era “dado a divertimentos, ao amor e às Musas”, *Ath.*18.1, exibindo assim um estilo de vida em rota de colisão com a ideologia dos democratas); mas não se sustenta a conceção de que toda uma “classe” definida por categorias como “ricos e pobres” adotaria ou rejeitaria esse tipo de vida, como se intui no ensaio recentemente publicado.

Assim, note-se que, no século IV, Platão refere-se aos tiranocidas no *Banquete*, precisamente o texto da teorização e sublimação do modelo pederástico por excelência, do seguinte modo: “não convém aos governantes... que os seus súbditos acalentem pensamentos elevados e muito menos amizades e uniões fortes como só o amor, acima de tudo, costuma inspirar... Essa lição, de resto, aprenderam-na à sua custa os tiranos atenienses, pois foi o amor de Aristogíton por Harmódio e a amizade deste pelo amante que derrubaram o seu poder.” (*Symp.* 182c, trad. M. T. Schiappa de Azevedo)⁵¹. Ora, devemos frisar que Platão não será o autor mais democrático da Grécia Antiga.

Neste contexto, parece-nos ainda relevante que, quando o pretense Aristóteles narra o episódio, o faça salientando que entre os vários aspetos que desencadearam a ira de Aristogíton e Harmódio estaria o facto de o jovem ter sido chamado de *malakos* ou efeminado, termo que, mesmo para os cultivadores da pederastia, era entendido como absolutamente ofensivo, pelas conotações de feminilidade que implicava. Para a aristocracia grega, a pederastia nada tinha que ver com carácter ou comportamento femininos. Antes pelo contrário. Talvez não seja por isso de desprezar também neste

51 Vide ainda Figueira (no prelo).

quadro a ideia de que [Aristóteles] parece ter uma especial simpatia pela oligarquia, o que se coaduna com esta nossa leitura⁵².

A leitura laudatória da relação homoerótica entre os tiranicidas não se fica por aqui, confirmando a marca aristocrática deixada na memória cultural dos Gregos ao longo do tempo. Ainda no âmbito textual, refira-se o orador Ésquines que, no *Contra Timarco*, se refere a Harmódio e Aristogíton e respetiva relação amorosa como promotora de benfeitorias de interesse para o Estado. Ésquines apresenta-a, inclusive, como *exemplum* do que é uma relação pederástica pura e saudável, ao contrário das que seriam cultivadas por Timarco, de natureza venal (*Tim.* 132; 140).

Mais tarde, Plutarco recorre ao mesmo tópico no *Diálogo sobre o Amor*, referindo-se a Aristogíton como um defensor da liberdade, a qual se confunde com o seu próprio caso amoroso, por que teria matado o tirano⁵³. Isto é, o argumento claramente negativo em Tucídides revela-se subitamente no Queronense como um elemento positivo a destacar na luta contra a tirania. Mas há mais: Plutarco alinha Aristogíton com outros dois nomes, os de Antileonte e de Melanipo (*Am.* 760B-C). As fontes antigas referem-se a estes homens como tiranicidas célebres, que teriam matado os tiranos de Metaponto e de Agrigento na sequência de assédios amorosos levados a cabo por estes sobre os amantes dos outros: Antileonte tornou-se tiranicida por causa de Hiparino e Melanipo devido a Cáriton. A história será depois recordada por Ateneu (*Deipn.* 13. 602b; cf. Eliano, *VH* 2. 4)⁵⁴.

Assim sendo, parece-nos que devemos introduzir nesta fase uma nova problemática: até que ponto não é a narrativa contada por Tucídides e [Aristóteles] produto de uma estrutura tópica, mais do que um relato de um

52 Vide e.g. Fitzgerald 1957: 275-286.

53 Rodrigues 2007: 525-541.

54 O tema é igualmente tratado por Higino, que o introduz nas suas *Fabulae*, sob a rubrica «qui inter se amicitia iunctissimi fuerunt» (257). Note-se, porém, que, apesar de a inclusão de Aristogíton e Harmódio nas *Fabulae*, texto já do período imperial, ser evidência da fama que os tiranicidas granjearam no mundo antigo e de, na sua essência, a narrativa hígina retornar ao tema do tiranicídio, a forma como este autor apresenta as personagens é absolutamente inédita, quando comparada com as restantes fontes. A título de exemplo, referimos que a ação se desenrola na Sicília e não em Atenas e que o que parece unir os dois homens é o termo “fraternidade”. Dada a sua especificidade, porém, não tratamos do passo aqui, reservando o seu estudo para outra ocasião.

alegado facto histórico⁵⁵? Há ainda que não esquecer que o tema do tiranicídio motivado por razões amorosas teve expressões cronológica e geograficamente plurais, como mostra a lenda da violação de Lucrecia em Roma, curiosamente ou não, datada no ano 509 (Tito Lívio 1.57-59; Dionísio de Halicarnasso, *AR* 4.64-85). A este propósito, note-se que Plínio afirma que a estátua originalmente concebida por Antenor teria sido erguida na ágora de Atenas no mesmo ano da expulsão dos reis de Roma (*NH* 34.17).

Ainda assim, Plutarco não deixa de usar o tópico com humor ao referir que “o filósofo Bión chamava à barba dos moços bonitos Harmódios e Aristogítones, já que, depois de crescer, livrava os amantes de uma bela tirania.” (*Am.* 770B, trad. C. M. Jesus). O passo refere-se, evidentemente, ao facto de, na tradição pederástica, os jovens abandonarem o papel de *eromenoi*, que deveria sustentar-se da mera relação física, a partir do momento em que a barba lhes despontava no rosto.

CONCLUSÕES

Perante os dados apresentados, parece-nos estarem reunidas as condições para considerarmos a possibilidade de a representação e o culto heróico dos tiranicidas ter tido um expoente durante o período democrático em Atenas⁵⁶, mas não ter sido um exclusivo da fação democrática ou sequer com ela estar relacionada *ab origine*. Com efeito, temos mesmo razões objetivas para considerar a possibilidade de, na génese do processo, terem estado os defensores da oligarquia aristocrática ou de, pelo menos, estes se terem igualmente aproveitado do tema. Como notam J. R. Ferreira e D. Leão, “as primeiras reações políticas à queda dos tiranos não começaram por apontar logo na direção da soberania popular. Pelo contrário, pareciam preparar-se para retomar o jogo das fações no mesmo ponto em que o haviam deixado em 546”, emergindo então na cena política dois grupos

55 Vide também o estudo de Figueira (no prelo).

56 Vide Barceló 2006: 55-70; Condilo 2007, 78-92.

aristocráticos⁵⁷. A tensão entre estes e a facção democrática que viria a afirmar-se terá predominado nesse final de século em Atenas e deverá ter criado as condições para a emergência do culto aos tiranicidas, quais defensores da liberdade. O facto é que esse lema teria servido tanto aristocratas como democratas, cujos “cavalos de batalha” respondiam pelos nomes de “liberdade” e “anti-tirania”.

Esse eventual aproveitamento instrumental do acontecimento deverá ter dado origem às suas variantes narrativas. Nesse fator, deverá justificar-se a necessidade de sobretudo os historiadores (a problemática é evidente, aliás, no prólogo de Tucídides, 1.20) fazerem uma discussão e reflexão do tema. Isso permite-nos perceber que havia consciência de que o passado podia ser reconstituído, manipulado e utilizado ao serviço de agendas ideológicas e políticas⁵⁸.

Assim, há que frisar a problemática da manipulação ideológica do passado que tem como objetivo legitimar o presente e que é perceptível nas fontes que utilizámos para esta análise. Com efeito, se nos detivermos nos relatos de Heródoto, Tucídides, da *Constituição dos Atenienses* e até do pseudo-Platão, rapidamente chegamos à conclusão de que, independentemente da facção de que partiu, o alegado tiranicídio e a tiranicidíolatria foram utilizados de modo exímio pelos Atenienses como formas de representar pluralmente um passado tal como se desejava que ele fosse, de modo a assegurar um presente queurgia legitimar.

Esta parece ser uma constante do historial humano em comprovação contínua e uma das provas desta nossa afirmação está precisamente nas fontes que mostram que o alegado tiranicídio de 514 em Atenas, apesar das reinterpretações, reposições e até correções feitas ainda nos séculos V e IV, não deixou de ser representado de forma heterogénea depois disso, preferindo-se valorizar o que interessava, ao sabor das circunstâncias e dos tempos.

Note-se como, ainda hoje, o episódio é evocado, agora por novos foros de discussão e ideologização, com agendas distintas das de outrora, mas

57 Ferreira & Leão 2010: 120; vide ainda Ostwald 1969; Forrest 1988: 165-167.

58 Vide e.g. Taylor 1991: 93-94.

que continuam a fazer dos Gefireus heróis e mártires, agora de causas contemporâneas.

Assim, se todos os regimes precisam de símbolos, a democracia ateniense não foi exceção, como não teria sido a oligarquia/aristocracia. Se, como sugerimos neste estudo, houve aproveitamento de um mesmo símbolo, o dos Tiranicidas, pelas duas ideologias, é porque ambas lhe reconheciam potencialidades e funções político-imagéticas válidas. Como notou C. Sourvinou-Inwood, a religião da *polis* na Grécia só pode ser plenamente entendida quando associada à formação de identidades religiosas, cívicas e, sobretudo, culturais⁵⁹. Parece-nos que é precisamente nesse ponto que a glorificação dos Tiranicidas faz sentido, tanto enquanto associada à fação dos aristocratas como à dos democratas. O fator comum a ambas parece ter estado na força da imagem física, representada pelas artes plásticas através da *aisthesis* e na carga psicológica proporcionada pela narrativa literária através do *ethos*. Se aquilo que os aristocratas viam nos tiranicidas eram sobretudo a *euandria*, a *time* e o combate contra a tirania, os democratas terão valorizado através dos mesmos *media* o *soma* perfeito que dava consistência ao *polites* e, em última análise, sentido à própria *polis* livre e com direito à autodeterminação⁶⁰.

BIBLIOGRAFIA

- Azoulay, V. (2014), *Les Tyrannicides d'Athène. Vie et mort de deux statues*. Paris.
- Barceló, P. (2006), "Los Tiranicidas y la construcción del mito democrático en Atenas", in F. M. Simón, F. Pina Polo, J. Remesal Rodríguez (eds.), *Repúblicas y ciudadanos: modelos de participación cívica en el Mundo Antiguo*. Barcelona, 55-70.
- Bednarek, B. (2017), "Ancient Homophobia. Prejudices against Homosexuality in Classical Athens", *Humanitas* 69: 47-62.
- Bicknell, P. J. (1970), "The Harmodios skyphos in the Villa Giulia", *AC* 39.1: 159-160.
- Bowra, C. M. (1961²), *Greek Lyric Poetry from Alcman to Simonides*. Oxford.
- Brunnsåker, S. (1971²), *The Tyrant-Slayers of Kritios and Nesiotes. A Critical Study of the Sources and Restorations*. Stockholm.

⁵⁹ Sourvinou-Inwood 2000b: 13-37; Sourvinou-Inwood 2000a: 38-55; vide ainda Shear 2012: 42.

⁶⁰ Shear 2012: 41-43.

- Cartelet, N. (2016), "Harmodios et Aristogiton: crime passionnel sur l'Acropole", in *Aux origines de la Pédérastie*. Paris, 123-137.
- Colen, J. A. (2017), "Hiparco atribuído a Platão e a natureza da tirania", *Gaudium Sciendi* 11: 53-79.
- Condilo, C. S. (2007), "O papel dos tiranicidas na constituição da identidade democrática em Atenas", *Classica* 20/1: 78-92.
- Ehrenberg, V. (1956), "Das Harmodioslied", *Wiener Studien* 69: 57-69.
- Fehr, B. (1989), *Les Tyrannoctones. Peut-on élever un monument à la démocratie?* Paris.
- Ferreira, J. R., Leão, D. F. (2010), *Dez Grandes Estadistas Atenienses*. Lisboa.
- Ferreira, L. N. (2013), *Mobilidade poética na Grécia Antiga. Uma leitura da obra de Simónides*. Coimbra.
- Figureira, T. J. (no prelo), "Thucydides and the Sexual Politics of Tyrannicide".
- Fitzgerald, T. R. (1957), "The Murder of Hipparchus: a Reply", *Historia* 6.3: 275-286.
- Fornara, C. W. (1968), "The 'Tradition' about the Murder of Hipparchus", *Historia* 17: 400-424.
- Fornara, C. W. (1970), "The Cult of Harmodios and Aristogiton", *Philologus* 114: 155-180.
- Forrest, W. G. (1988), *Los orígenes de la democracia griega*. Madrid.
- Hubbard, T. K. (1998), "Popular Perceptions of Elite Homosexuality in Classical Athens", *Arion* 6.1: 48-78.
- Hubbard, T. K. (2000), "Pederasty in Democracy: the Marginalization of a Social Practice", in T. K. Hubbard (ed.), *Greek Love Reconsidered*. New York, 1-11.
- Lang, M. (1955), "The Murder of Hipparchus", *Historia* 3.4: 395-407.
- Leão, D. F. (2003), *Aristóteles. Constituição dos Atenienses*. Lisboa.
- Lear, A., Cantarella, E. (2008), *Images of Pederasty: Boys Were Their Gods*. London-New York.
- Limentani, I. C. (1976), "Armodio e Aristogitone gli uccisi dal tiranno", *Acme* 29: 9-27.
- Magueijo, C. (2012), *Luciano de Samósata. Luciano [III]*. Coimbra.
- Meyer, E. A. (2008), "Thucydides on Harmodios and Aristogiton, Tyranny and History", *CQ* 58: 13-34.
- Momigliano, A. (1975), "L'exkursus di Tucídide in VI, 54-59", *Quinto contributo alla storia degli studi classici e del mondo antico* 2: 677-681.
- Monoson, S. S. (2000), "The Allure of Harmodius and Aristogiton", in T. K. Hubbard (ed.), *Greek Love Reconsidered*. New York, 42-51.
- Murray, O. (ed.) (1990), *Symptotica. A Symposium on the Symposium*. Oxford.
- Nicholson, N. J. (2005), *Aristocracy and Athletics in Archaic and Classical Greece*. Cambridge.
- O'Sullivan, L. (2011), "Tyrannicides, Symposium and History: a Consideration of the Tyrannicide Law in Hyperides 2.3", *ASCS. Selected Proceedings*, 32: 1-9.
- Onelley, G. B. (2009), *Ideologia aristocrática nos Theognidea*. Coimbra/Rio de Janeiro.
- Ostwald, M. (1969), *Nomos and the Beginnings of Athenian Democracy*, Oxford.
- Paiano, D. (2016a), "Éros et politique dans l'Athènes démocratique. À propos des tyrannicides", *Clio. Femmes, Genre, Histoire* 43: 139-150.
- Paiano, D. (2016b), "El discurso aristocrático sobre el fin de la tiranía en Atenas y la teoría democrática", *De rebus antiquis* 6: 53-93.
- Pearson, L. (1949), "Note on a Digression of Thucydides (VI, 54-59)", *AJP* 70: 186-189.
- Podlecki, A. J. (1966), "The Political Significance of the Athenian 'Tyrannicide-Cult'", *Historia* 15: 129-141.
- Pownall, F. (2013), "A Case Study in Isocrates: the Expulsion of the Peisistratids", *DHA* 8: 339-354.
- Rocha Pereira, M. H. (2012, 11ª ed.), *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. I – *Cultura Grega*. Lisboa.

- Rodrigues, N. S. (2007), "Plutarco e os 'amores proibidos'", in J.-M^a. Nieto Ibáñez, R. López López (eds.), *El Amor en Plutarco*. León, 525-541.
- Rodrigues, N. S. (2011), "A nudez do guerreiro grego", *Humanitas* 63: 201-216.
- Rodrigues, N. S. (2013), "The Ambiguity of the Public and the Private Spheres in the Athenian *polis* of the Tyrannicides and Pericles", *Res Antiquitatis* 4: 79-91.
- Rodrigues, N. S. (2015), "Problemática da prostituição masculina na Atenas Clássica", in A. Iriarte, L. N. Ferreira (coords.), *Idades e género na literatura e na arte da Grécia Antiga*. Coimbra/São Paulo, 129-166.
- Scholte, A. (1937), "Hippias ou Hipparche?", *Mnemosyne* 5: 69-75.
- Shear Jr., T. L. (1970), "The Monument of the Eponymous Heroes in Athenian Agora", *Hesperia* 39.3: 145-222.
- Shear, J. L. (2012), "Religion and the *Polis*. The Cult of the Tyrannicides at Athens", *Kernos* 25: 27-55.
- Shear, J. L. (2012), "The Tyrannicides, their Cult and the Panathenaia: a Note", *JHS* 132: 107-119.
- Soares, C. (2014a), "Diálogo nas *Histórias* de Heródoto entre teoria e prática política. Tirania e Democracia: contrastes e semelhanças", *Phoenix* 20/1: 25-39.
- Soares, C. (2014b), "*Theoria* e *Praxis* política em Heródoto", *CFC(g)* 24: 57-79.
- Soares, C. L. (2007), *Heródoto. Histórias, Livro V*. Lisboa.
- Sourvinou-Inwood, C. (2000a), "Further Aspects of *polis* Religion", in R. Buxton (ed.), *Oxford Readings in Greek Religion*. Oxford, 38-55.
- Sourvinou-Inwood, C. (2000b), "What is *polis* Religion", in R. Buxton (ed.), *Oxford Readings in Greek Religion*. Oxford, 13-37.
- Stansbury-O'Donnell, M. D. (2005), "The Painting Program in the Stoa Poikile", in J. M. Barringer, J. M. Hurwit (eds.), *Periklean Athens and its Legacy*. Austin, 73-102.
- Taylor, M. W. (1991, 2^a ed.), *The Tyrant Slayers. The Heroic Image in Fifth Century B.C. Athenian Art and Politics*. Salem.
- Tsakmakis, A. (1996), "Thukydides VI, 54, 1 und Herodot", *Philologus* 140: 201-213.
- Valk, M. van der (1974), "On the Composition of the Attic Skolia", *Hermes* 102/1: 1-20.
- Vattuone, R. (1975), "L'*excursus* nel VI libro delle *storie* di Tucídide", *RSA* 5: 173-184.
- Vickers, M. (1995), "Thucydides 6.53.3-59: not a 'Digression'", *DHA* 21.1: 193-200.
- Vlastos, G. (1953), "*Isonomia*", *AJPh* 74: 337-366.